

# Mocidade Cristã

Ano XV

Julho a Setembro de 1953

Número 60

## Contenda

Desejamos oferecer algumas sugestões aos nossos irmãos na fé, que costumam escrever artigos para jornais evangélicos.

Temos observado que Fundamentalistas, Modernistas, Equidistantistas e Gamalealistas, em polêmicas de natureza pessoal, têm empregado mais espaço do que o necessário.

É verdade que devemos combater pela fé, bem como defender as verdades das Escrituras contra os ensinamentos falsos. Tal controvérsia é lícita e, às vezes, necessária; mas deve ser feita num espírito cristão.

O que acontece, parece-nos o seguinte: Um irmão repara num jornal o que ele considera uma calúnia pessoal, uma injustiça, ou ouve duma crítica de seu procedimento. Que faz ele? Pega na pena, mete-a em vinagre, e castiga seu irmão «inimigo» que escreveu o artigo ofensivo, com todo o rigor do Evangelho. Depois mostra aos seus leitores que ele tem sido tratado injustamente, embora seja realmente uma boa pessoa, são na fé, de vida irrepreensível e serviço prestável. O «inimigo crente» assim «aspergido» com o vinagre da pena deste adversário, responde no mesmo nível. Isto é triste; é uma falta de dignidade, e dá péssima impressão. Quando a controvérsia desce até o nível pessoal, a defesa da verdade é enfraquecida. Os ataques pessoais devem ser evitados, porque são contra o bom gosto e o espírito cristão.

Nosso conselho é: «Deixe seu caráter tomar conta de si mesmo». Sendo bom, pode defender-se a si mesmo. Se fôr necessário rebater uma acusação falsa por causa do testemunho, vamos fazer nossa defesa em tão poucas palavras quantas nos fôrem possíveis, e em espírito manso e humilde. Devemos considerar o exemplo do nosso Mestre: o qual, quando o injuriavam, não injuriava, e quando padecia, não ameaçava, mas entregava-se àquele que julga justamente (1 Pedro 2:23).

## A Pessoa de Jesus

(Palavras escritas pelo falecido Billy Sunday, grande pregador americano)

Para muitos Jesus Cristo é somente um objeto para pintura, um tema heroico para a pena, uma forma bonita para estátua, ou assunto para hino. Para aqueles que ouviram sua voz, que conhecem seu perdão, que receberam sua bênção, Ele é música, calor, luz, gozo, esperança e salvação; um Amigo que nunca abandona, que nos levanta quando outros querem derrubar-nos. Ele sempre está pronto a socorrer-nos. Ele nos fala com o mesmo amor, nos sorri com o mesmo sorriso, e nos mostra a mesma compaixão.

Não há outro nome como o d'Ele. É mais inspirador do que o de César, mais suave do que o de Beethoven, mais paciente do que o de Lincoln. O nome de Jesus palpita com vida, chora com os tristes, geme com as dores, condescende com amor.



Quem, como Jesus, pode compadecer-se do órfão? Quem, como Jesus, pode fazer o bêbado sóbrio? Quem, como Jesus, pode iluminar o cemitério com suas sepulturas? Quem, como Jesus, pode fazer da mulher da rua uma rainha para Deus? Quem, como Jesus, pode apanhar as lágrimas da tristeza humana em sua vasilha? Quem, como Jesus, pode beijar nossas tristezas?

Pelejo para descobrir figuras que expressem toda a beleza moral de Jesus. Ele é «a Rosa de Saron, o Lírio dos Vales, o totalmente desejável».

## *Estudo sobre a Epístola aos Romanos*

### *Capítulos 9, 10 e 11.*

Estes três capítulos formam a segunda parte da Epístola aos Romanos. Tratam de Israel em relação com os gentios. Deus planeja e governa tudo. Circunstâncias, o pecado, ou a teimosia do homem não podem impedir os propósitos de Deus. A humanidade é como o barro nas mãos do oleiro. A desobediência de Israel não pode frustrar as promessas a Abraão. Um remanescente será salvo. O povo terrestre agora está encostado, mas voltará a Deus. Os judeus, como Caim, vieram a ser vagabundos na face da terra. Hoje em dia já começam a voltar à sua terra, depois de 19 séculos de exílio. Mas não voltam pela fé.

O capítulo 9 é uma recapitulação dos atos de Deus com Israel. Trata da soberania de Deus. Ele dirige tudo, apesar da maldade dos homens, e efetua seu propósito com exatidão e justiça. A descendência dos israelitas era de Jacó e não de Esaú, o filho mais velho de Isaque. Deus es-

colheu e amou Jacó, rejeitou e odiou Esaú, antes de nascerem. Sabemos a razão pela história do Gênesis. Jacó era homem de fé, e Esaú, homem sem fé, sem temor de Deus. A chave está nas palavras do Apóstolo Pedro: «eleito segundo a presciência de Deus». Ele sabia tudo com antecedência.

No caso de Faraó, Deus endureceu seu coração, mas somente depois que ele mesmo endurecera seu coração muitas vezes. Os judeus também fizeram o mesmo e Deus endureceu o coração do povo e até hoje estão nesta atitude.

*Capítulo 10.* A chave do capítulo é o versículo 13: «Todo aquele que invoca o nome do Senhor será salvo». Esta notícia tem de ser levada a todos pelos servos. «Não há diferença entre judeu e grego, porque um mesmo é o Senhor de todos os que O invocam» (vers. 12). Mas a palavra tem de ser levada pelos homens. O Apóstolo cita um versículo de Isaías 52 (v. 7). O Profeta fala do Servo que havia de vir. Seus pés eram «formosos», quando desceu das montanhas da glória para este mundo necessitado. Em Romanos, refere-se aos pés dos pregadores que atravessam as montanhas que separam os países, levando as boas notícias do Evangelho a outros. Se os pés dos homens não levam a mensagem, se seus lábios não anunciam as boas novas, o povo ficará em trevas e pecado. Deus não mandará seus anjos. A responsabilidade está com os homens. Até hoje as nações que não têm sido evangelizadas estão ainda pagãs. «Mas contra Israel diz: Todo o dia estendi as minhas mãos a um povo rebelde e contradizente.» É assim até hoje.

*Capítulo 11.* Mas Israel tem de ser restaurado. Há três figuras nas Escrituras que falam de Israel: a videi-



ra, a figueira e a oliveira. A primeira foi substituída pela «Videira Verdadeira» (João 10), a segunda foi amaldiçoada e murchou, mas foi predito que brotaria de novo. Israel, como a oliveira, foi cortado e, neste capítulo, os gentios são «enxertados» no tronco. Mas ainda Israel há de brotar e florescer outra vez.

## Modernismo

Os modernistas criticam o Novo Testamento. Alguns «explicam» os milagres do Senhor. Estas «explicações», porém, são profanas e além da nossa compreensão. Mas há duas questões, das quais os modernistas têm «certeza», embora o parecer da igreja durante séculos passados tenha sido contrário. A primeira é que o Apóstolo Paulo não escreveu a carta aos Hebreus: a outra é que Pedro não escreveu a Segunda Epístola que tem o seu nome. Embora os ortodoxos acreditem que Hebreus tenha sido obra de S. Paulo, a questão não é vital, porque seu nome não é mencionado na epístola. A autoria da segunda carta de S. Pedro é uma questão de moralidade. Se fôsse outro escritor, isto seria fraude e falsificação. Uma pessoa que falsifica as assinaturas em alguns cheques, de muito valor, seu serviço não será louvado, nem empregado nas igrejas cristãs. Em vez de ser exaltado ali, ao falsificador seria concedido um lugar numa cadeia. Temos confiança em que os chefes da Igreja que, no século IV, resolveram o problema do cânon do Novo Testamento, não teriam incluído uma carta falsa, para a edificação da Igreja. A questão da escolha dos livros canônicos foi amplamente discutida nos Concílios de Laodicéia (A.D. 360) e Hipo (A.D.393),

e havia mais conhecimento dos fatos naqueles dias do que atualmente.

A epístola começa: «Simão Pedro, servo e apóstolo de Jesus Cristo». No capítulo 2 ele diz que «VIU» e «OUVIU» o que transpirou no Monte da Transfiguração, escrevendo com animação, enquanto recordava tão vivamente a cena.

Se foi escrito no segundo século (como dizem os modernistas), o autor mentiu, não foi nem profeta, nem apóstolo inspirado. O autor chama S. Paulo de seu «amado irmão», com a familiaridade de um amigo e conservo. Também a carta nos dá uma advertência contra «falsos profetas». Estas não são as palavras dum falso profeta do segundo século.

Em conclusão recordamos as palavras do Apóstolo (2 Pedro 1:21): «A profecia nunca foi produzida por vontade de homem algum, mas os homens santos de Deus falaram inspirados pelo Espírito Santo». Estas palavras são igualmente a verdade com respeito aos livros do Novo como do Velho Testamento.

## Avivamento

(Continuado)

Descrevi o começo do avivamento. Desejo agora explicar algumas feições do movimento.

Primeiro a feição mais saliente foi um profundo senso da presença de Deus. A realização de Deus no meio era tão grande que, às vezes, ninguém ousava mexer. Um dos conversos falou a um jovem. De repente este rapaz começou a tremer e então fugiu para uma taberna a fim de evitar a presença de Deus. Chegando ali, descobriu outros homens falando de seu estado pecaminoso e perdido. O jovem disse: «Este lugar não con-



vêm a quem quer escapar ; irei a um baile». Foi a um salão de dança, mas não ficou cinco minutos. Uma jovem veio ter com êle e, chamando-o pelo nome, disse: «Oh! onde ficaríamos, na Eternidade, se Deus nos matasse neste momento?» O sentido de Deus estava em tôda parte. O jovem não podia escapar e achou o Salvador naquela mesma noite.

A segunda feição saliente foi um profundo sentimento do pecado. Era terrível observar o que se passava. Deixe-me ilustrá-lo, contando um incidente que aconteceu na aldeia de Arnol. Aqui encontrámos certa medida de oposição. É um lugar de seiscentos habitantes e poucos vêm às reuniões. A igreja ficou cheia de pessoas de outros distritos. Entregámo-nos à oração. A aldeia estava morta espiritualmente. Nem uma pessoa ia à igreja. O domingo era dedicado a bebedeiras e diversões de caça e outras.

Orámos até 12,30 e saímos. Fui a uma casa para tomar um copo de leite porque pregara três horas antes da reunião de oração. Entrei numa casa, mas achei a dona de joelhos com sete outras ao redor de si, tôdas com profunda tristeza de alma.

Dentro de 48 horas tôdas as casas de bebidas foram fechadas para nunca mais se abrirem. Hoje achareis a taberna fechada ; os homens que a frequentavam são agora colunas da igreja. Passando na rua, um ancião da igreja chamou minha atenção para a casa próxima e disse: «Quatorze dos jovens que frequentavam essa cova de iniquidade oraram na reunião de oração na quinta-feira passada». Hoje três ônibus são necessários para levar o pessoal de fora à igreja e há reuniões de oração três vezes por semana. Achareis um grupo de homens de joelhos perante Deus, à meia noite. Reunem-se às dez horas

da noite e continuam até uma hora da manhã, orando para o avivamento espalhar-se. A aldeia está mudada completamente. Não há um jovem entre 18 e 25 que não ore na reunião de oração.

Dali fomos a Bernera. Desejo mencionar o caso dum jovem que é frequentemente chamado o «Evan Roberts de Lewis» (Evan Roberts foi muito abençoado no avivamento em Gales, há cincoenta anos). Este rapaz foi convertido durante a primeira onda de bênção. É chamado Donald. Na noite depois da sua conversão êle levou seu pai a Cristo e depois, sua mãe. Posso imaginá-lo agora, como o vi perto do púlpito, dizendo: «Este é o lugar onde meu pai achou Cristo, ontem, e ali onde eu vim ao Salvador na noite anterior». Este rapaz sentiu o poder do Espírito Santo.

Em Bernera as coisas eram difíceis, a religião cristã estava quase morta, as igrejas vazias e sem reuniões de oração. Mandeí uma mensagem pedindo que os homens de oração de Barvas viessem para ajudar-me em oração, especialmente o rapaz Donald. Vieram e, numa reunião de oitenta pessoas, preguei sôbre a passagem: «Tu, Capernaum, que te ergues até aos céus, serás abatida aos infernos». Foi a mensagem que recebi no princípio do avivamento. Preguei sôbre a severidade do juízo de Deus, as glórias do céu e as realidades terríveis das almas perdidas no inferno. Escutai, ó pregadores do Evangelho. Estou convencido que devemos voltar a esta ênfase, porque temos abrandado demais a doutrina. O ensino do «universalismo» está destruindo a vitalidade da nossa mensagem. No meio da mensagem, parei e, olhando para Donald, disse-lhe: «Donald, dirige-nos em oração». Ele levantou-se e não orara cinco minutos, quando Deus varreu a igreja.



Na congregação pessoas caíram para frente e para trás, algumas estando como mortas. Não posso explicar estas manifestações; somente digo que estávamos nas regiões do sobrenatural.

A circunstância extraordinária foi que durante nossas reuniões, quando essas coisas aconteciam na igreja, pescadores em seus barcos, homens tecendo nas máquinas, outros nas minas, um negociante em seu caminhão, professores na escola examinando seus papéis, sentiram o efeito da presença de Deus. As estradas ficaram cheias de pessoas que buscavam a Deus, pessoas que não vieram perto da igreja. Fui ao campo e, na estrada, em um lugar achei três homens deitados em suas faces, em tanta tristeza de alma que não podiam conversar comigo. Estes homens não assistiram à nossa reunião. Isto é AVIVAMENTO!

O Sr. Thomas Rees, de Hildenborough, visitou Lewis e, no mesmo tempo, vieram alguns ministros do Evangelho. Todos indagaram: «Foram vidas mudadas? Foram comunidades mudadas?» Em resposta cito um jornal local: «Mais gente assiste às reuniões de oração em Lewis hoje, do que assistia ao culto público nos Domingos, antes do avivamento».

A ênfase era sobre a severidade de Deus, mas é notável que 83 hinos têm sido escritos pelos conversos, todos tão bons como qualquer literatura na língua gaélica; mas sem exceção, todos falam do amor de Jesus e das maravilhas do Salvador.

Traduzido de «Keswick Week» de 1952. Quando o Sr. Duncan Campbell proferiu este discurso, houve presente um número dos conversos como testemunhas do avivamento.

## *“Dá-me Aquêlê Livro”*

Eu morava na Índia. Era agrimen-

sor empregado pelo Governo e fui enviado para servir no deserto de Rajputana. Quando anoiteceu, mandei uma mensagem aos indus que moravam próximo, num oásis, dizendo que eu queria falar com eles. Sabiam que eu era oficial do Governo. Tinham certa suspeita de mim. Mas vieram e, quando saí da minha barraca e foi para o lugar, vi uma porção de homens. Estávamos a 50 léguas duma cidade. Sabia que estes homens nunca tinham ouvido o nome de Jesus. Senti-me profundamente impressionado com minha responsabilidade, encarando esta gente sem a Palavra de Deus.

Falei com eles na sua própria língua que eu sabia bem e prolonguei meu discurso. Depois, um homem velho levantou-se em minha frente. Era filho dum rei, sua barba descia até o peito. Encostou-se em sua vara. Olhou bem para mim e, então, disse: «Tu és jovem, e estas coisas de que falas, como sabes delas?» Respondi: «Pai, não tenho conhecido estas coisas por causa da minha própria sabedoria ou justiça. Para estas perguntas que surgem em vossos corações e nos corações da humanidade, nosso Grande Pai tem escrito as respostas num Livro dado aos homens em tempos passados. As respostas às perguntas estão no Livro.» O velho então me perguntou: «Tu queres dizer que há um livro com tôdas estas coisas das quais falaste, isto é, acêrca de um amor que é tão bom?»

«Sim, há um Livro», respondi. «É Livro de Deus e as respostas estão nêle.» «Jovem», acrescentou o velho, «será que o livro está em minha língua?» «Sim, tenho o Livro.»

Desejaria que tivésseis visto aquêlê velho. Apontou com o dedo para mim, e nunca hei de esquecer-me de suas palavras: «Procura-me aquêlê livro!»



Corri até a barraca e trouxe dois exemplares da Bíblia na sua língua. Quarenta mãos estavam estendidas para recebê-los. Coloquei um em sua mão e quando repeti que as respostas às suas perguntas estavam naquele Livro, o ancião olhou-me e disse: «Senhor, há quanto tempo está este Livro no mundo?» Respondi-lhe: «Está aqui há centenas e centenas de anos». «Será que teu povo o possuía?» «Sim.» Ele respondeu: «Sou velho. Todos os meus amigos morreram sem esperança. Estou quase ao fim da viagem. E todo este tempo o livro estava aqui e ninguém m'o trouxe. Por que foi que ninguém nos trouxe o livro há mais tempo?»

*Bispo W.F. Oldham.*

### *Palavras escritas por homens da Igreja de Roma*

O maior amor que alguém pode manifestar por Deus é escutar a Sua Palavra. Se tu amas a Deus com toda a tua alma, então deves governar tua imaginação, a fim de escutar sossegadamente aquilo que o Senhor tem de dizer. Tu deves ter prazer em falar com Ele e tomar cuidado em prestar atenção ao Seu ensino. Nesta troca de pensamento, hás de reciprocamente o amor d'Ele, o qual Ele primeiramente te mostrou.

*João Tauler, 1300-1361.*

Vamos fazer o trabalho do dia, com nossos exercícios espirituais, entregando nossos pensamentos e corações a Deus, diversas vezes por dia, e submetendo nosso serviço, com humildade, a Ele. Consideremos quantas oportunidades temos diariamente para servi-Lo por nosso crescimento espiritual ou por promovermos o mesmo em nosso próximo e aproveitando fielmente cada ocasião.

*São Francisco de Sales, 1567-1622.*

## *Correspondência*

Reparamos que reina grande confusão nos escritos evangélicos sobre termos bíblicos, com respeito ao Espírito Santo, tais como DOM, BATISMO, PLENITUDE (ou ENCHIMENTO). Há pouco, recebemos um folheto criticando os ensinos dos Pentecostais. Numa crítica qualquer, é importante que o escritor não cometa nenhum erro, porque, aos olhos das pessoas criticadas, o erro fica muito mais saliente do que merece, e elas sentem-se consoladas e confirmadas em todos seus erros! Neste caso, então, há um exemplo. O crítico «joga a bola nas mãos» dos Pentecostais, dizendo: «O Espírito Santo é um batismo (pensávamos que era uma Pessoa!), uma aspersão de cima, o amor derramado pelo Espírito Santo em nossos corações. Os Pentecostais dizem-se «batizados no Espírito» e não pelo Espírito, porque se batizam por imersão. Torcem o verdadeiro sentido das Escrituras ao seu talento.»

Mas, amigo, os Pentecostais neste caso não torcem a Escritura, que diz: «Todos nós fomos batizados EM um Espírito» (1 Cor. 12:13), e a palavra no grego é «EN» (que em português é «em»). Mesmo em Mateus 3:11, o original tem «en» água e «en» Espírito Santo. O folheto não somente contém este erro, mas também confunde DOM e BATISMO do Espírito. As Escrituras não confundem suas figuras. O dom que veio de cima todo crente recebe quando crê em Cristo. O batismo no Espírito Santo é sua iniciação ou imersão no Corpo de Cristo, segundo 1. Cor. 12:13. As duas experiências vêm no mesmo momento, mas são bem diferentes. Usamos nossa figura outra vez. Um soldado, ao entrar no exército, recebe o dom de suas armas, farda e equi-



pamento. Ao mesmo tempo é iniciado ou imerso em seu regimento. Embora aconteçam na mesma hora, são duas experiências diferentes. O escritor, para combater os Pentecostais, deve frisar a palavra «**TODOS**» neste versículo, porque eles ensinam que somente certos crentes, os Pentecostais, são batizados no Espírito Santo.

## Perguntas e Respostas

**Pergunta 1.** Um leitor nos pergunta

se o suplício da cruz terminou com a morte de Cristo,

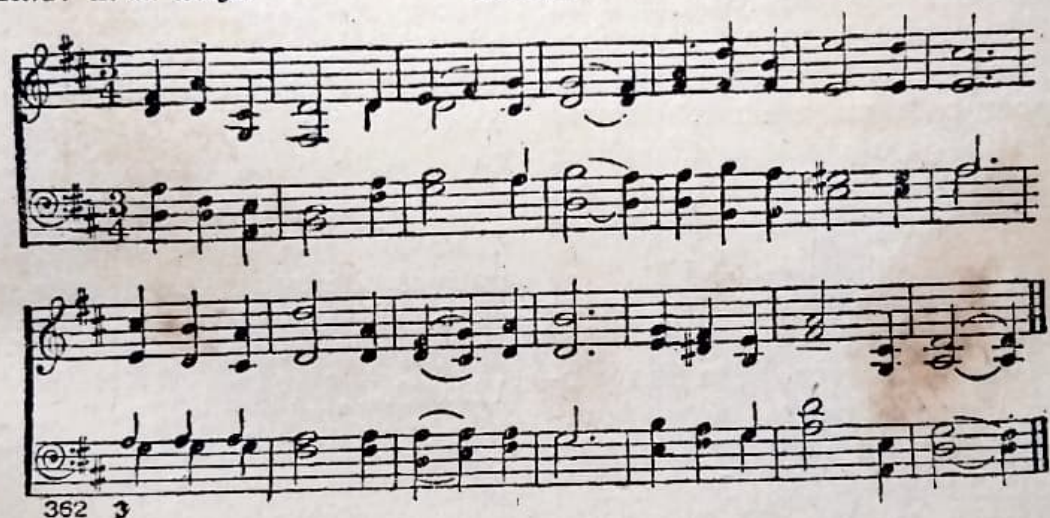
**Resposta.** Não. Durante o cerco de Jerusalém, por exemplo, nos anos de 69 e 70 A.D., muitos judeus foram crucificados pelos romanos em frente das muralhas da cidade. Tôda a madeira da vizinhança ficou esgotada. O historiador da Igreja primitiva, Eusébio, diz que o Apóstolo Pedro foi crucificado em Roma por ordens de Nero, lá pelo ano 67 da nossa era.

## Quão Doce Soa

Letra: H. M. Wright

8. 6. 8. 6.

Música H. W. Guinness



Quão doce soa ao coração  
Do pobre pecador  
O nome que lhe traz perdão:  
Jesus, o Salvador!

Jesus, meu Rei, meu Salvador,  
Meu terno e bom Pastor,  
Meu Advogado, meu Senhor,  
Meu forte Redentor!

Bendito Nome de Jesus!  
Em Ti confiarei.  
Tu que morreste sobre a cruz,  
Em Ti descansarei.

Jesus, somente em Ti pensar  
Minha aflição desfaz;  
Mas bem melhor ver-Te será  
E descansar em paz!

(Hinos e Cânticos 362)



## Biografia

João Geddie

Em números passados de «Mocidade Cristã» temos incluído a biografia de heróis da fé com o nome JOÃO. A maioria destes são homens bem conhecidos na história da Igreja. O nosso herói, João Geddie, tem nome pouco conhecido, mas era animado pela mesma fé em Deus como os outros e, de fato, sua fé era manifesta e viva.

Era pastor duma igreja no Canadá, homem de pouca estatura; mas deixou o conforto e a segurança de seu lar para levar o Evangelho aos selvagens das ilhas do Pacífico. Saiu no ano 1846 e levou 18 meses para chegar à Ilha de Ameityum, onde desembarcou com sua mulher. Muitos missionários já haviam perdido ali as vidas, assassinados pelos selvagens. Eram antropófagos, acostumados a comer carne humana. Nove anos antes, João Williams, o «apóstolo do Pacífico» fôra morto e comido pelos nativos. Os selvagens desta ilha pertenciam à raça mais atrasada do mundo. Das crianças nascidas a metade eram enterradas vivas. Os velhos e doentes eram mortos. Todas as mulheres casadas andavam com uma corda no pescoço para ser enforcadas imediatamente ao falecimento do marido. Os mortos eram lançados ao mar. O povo era supersticioso e dado à feiticaria. Fazia sacrifícios humanos. Quando Geddie desembarcou com a mulher, foram encontrados pela multidão de selvagens armados. Mas João confiava em Deus. A inimizade dos nativos aumentara com o procedimento dos negociantes brancos, os quais vinham em busca duma certa madeira encontrada nas ilhas. Espalharam doenças de propósito e venderam bebidas alcoólicas;

enganaram os selvagens, e outros prenderam homens para vender como escravos. Mas tal é o poder do Evangelho que, quando João Geddie deixou a ilha, o povo colocou uma placa na igreja dizendo:

Quando João Geddie desembarcou em 1848, não havia um cristão aqui;

Quando deixou a ilha em 1872, não havia pagão.

Durante os 24 anos de permanência na ilha, João Geddie e a esposa sofreram muito. Uma noite alguém pôs fogo em sua casa e, em outra ocasião, a igreja foi incendiada. Mas centenas foram convertidos ao Senhor e alguns foram às outras ilhas para pregar o Evangelho. Dois pequenos barcos foram enviados, comprados pelos fundos de crianças das escolas dominicais na Escócia, Canadá, e Austrália, para ajudar na evangelização das ilhas em redor.

A Bíblia foi traduzida na língua deste povo e, para imprimi-la, os nativos plantaram mandioca e venderam-na; com o produto da venda ajuntaram a importância de Cr\$ 120.000,00.

Geddie transformou o sistema de governo. Uma das primeiras leis foi feita para a proteção das mulheres. Os costumes velhos e ruins desapareceram. O missionário, por motivo da saúde, foi obrigado a deixar o Pacífico; retirou-se para morar na Austrália, onde morreu daí a pouco tempo.

### EXPEDIENTE

«MOCIDADE CRISTÃ» é uma publicação ocasional para promover os interesses dos grupos da mocidade cristã evangélica. Não tem assinantes, pois é mandada gratuitamente aos nossos correspondentes. As despesas da impressão serão feitas por donativos voluntários.

Toda a correspondência deve ser dirigida ao Sr. W. Anglin, Caixa 35, CARANGOLA, Minas, Brasil.

Casa Editora Evangélica, Teresópolis, E. do Rio  
Editor responsável José Ferreira de Andrade